



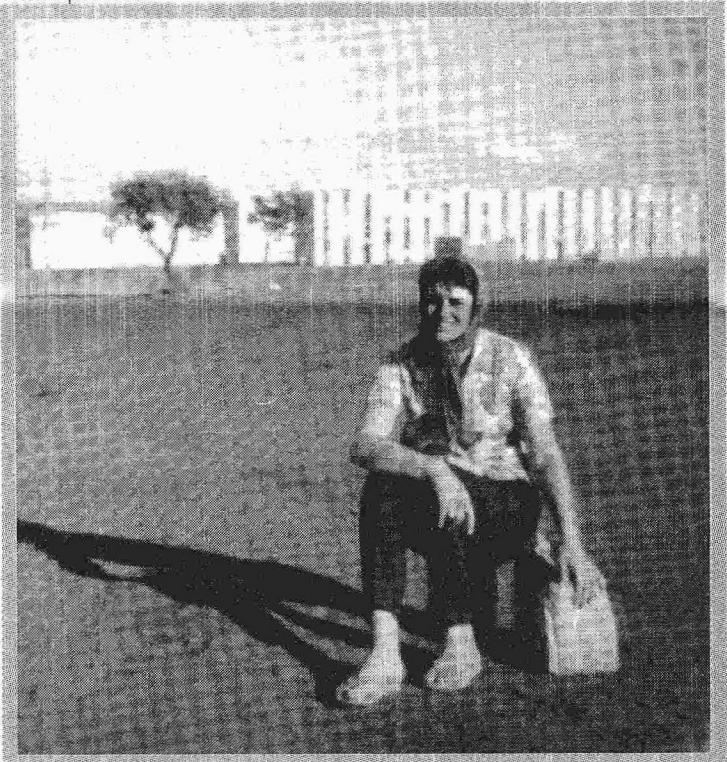
Roberto de Araújo Lima

DF-Brasília
039
Reportagem 0008

O professor chegou a B
educadores conhecido

Dedicação e responsabilidade para ensinar os candangos

Fotos: Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Conversar sobre Educação é sempre um motivo de satisfação e orgulho para esse professor de 77 anos para quem, pela idade, experiência e trabalho desenvolvido na nova capital, o título de mestre seria, merecidamente, o mais apropriado. Roberto de Araújo Lima, um dos pioneiros de Brasília, trouxe em sua bagagem, no ano de 1960, o desejo de construir um Brasil melhor, por meio de um ensino de qualidade na nova capital. Para ele, é com educação e trabalho que se constrói uma nação.

O convite do colega e professor da Faculdade Fluminense de Filosofia Paulo de Almeida Campos, para trabalhar em um sistema educacional inovador na nova capital, fez com que o então funcionário do Ministério da Educação e Cultura trocasse a Cidade Maravilhosa pela incerteza do Planalto Central. Mesmo sem a necessidade de um concurso, por ser funcionário do ministério, ele e a mulher decidiram se inscrever. "Até aquela época só tinha ouvido falar da cidade e de uma possível mudança da capital pelos jornais", comenta. Roberto só acreditou que Brasília existia quando avistou um canteiro de obras da janela do Douglas DC3, que o trazia com a mulher Daisy para a nova capital. "Foi um im-

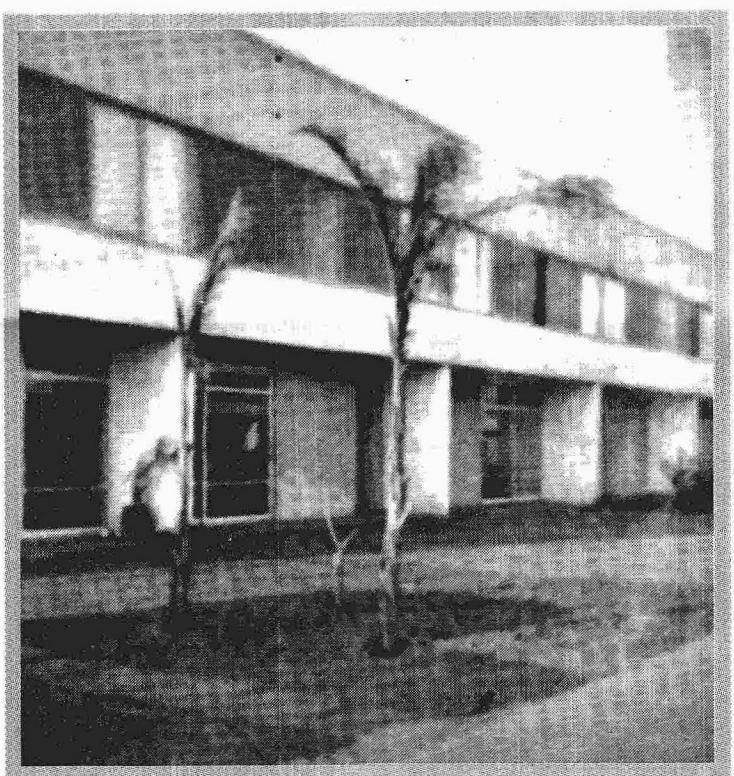
pacto muito grande. Naquele momento, acreditei que Brasília era uma realidade", conta emocionado.

Para o novo candango, Brasília foi a realização de um sonho. "Juscelino era um louco, no bom sentido da palavra. Eram poucas as pessoas que pensavam como ele e que se preocupavam com o futuro do Brasil", diz enfático.

Após a nomeação dos aprovados no concurso, chegaram em Brasília, naquele mesmo ano, além de Roberto uma equipe de 59 professores conhecida como os 60 de Brasília de 60. "Tenho orgulho de ter pertencido ao grupo. Eramos uma equipe que lutava pelo ideal maravilhoso de promover, pela educação, a construção

de um novo país", conta. Ele lembra que passava a maior parte do tempo com os colegas professores, vindos de todas as partes do Brasil para ensinar na nova capital. "Era a melhor equipe do país. Estávamos unidos pelos mesmos ideais, os mesmos sonhos. Éramos uma família", acrescenta. Para ele, fazer parte dos 60 foi uma das melhores coisas que aconteceram em sua vida. "Era como jogar num time de futebol, com Pelé, Zico e outros", compara.

A preocupação com a educação e a aprendizagem dos jovens era tamanha que ele chegou a ministrar um curso de *Madureza*, de graça, no Caseb, a então Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, que na-



DAYSI EM FRENTE
AO APARTAMENTO
JK E AS CASAS DA
ANTIGA 707 SUL

Novos desafios

Como o sistema de transporte na época era incipiente, a direção do Caseb, que ficava na 910 Sul, disponibilizou um ônibus para levar professores e alunos à escola, imediatamente apelidado de elefante branco. Mais tarde, este seria o nome do centro educacional localizado na 908 Sul. "Passávamos praticamente o dia inteiro dentro do ônibus, que nos levava de manhã para o colégio, depois para o almoço em casa e mais tar-

Brasília, vindo do Rio de Janeiro, para trabalhar no Caseb. Fez parte de um grupo de 60 como os 60 de Brasília de 60, que sonhava em transformar o país pela educação

ROBERTO E DAYSI
ACREDITARAM NA VIDA
NA NOVA CAPITAL E PARA
CÁ VIERAM COM METADE
DA FAMÍLIA PARA
REALIZAR O SONHO DE
CONTRIBUIR PARA UMA
MELHOR EDUCAÇÃO
PARA O PAÍS

de de volta para o Caseb. No fim do dia, fazia o mesmo trajeto de retorno para casa", lembra o professor. Nos finais de semana, Roberto ia com a mulher ao Cine Brasília a pé para descansar do ônibus e distrair um pouco.

Mesmo com as dificuldades para encontrar moradia, enfrentadas pelos professores e suas famílias, eles não desanimavam. "Tive que deixar dois filhos no Rio de Janeiro até encontrar uma casa maior para acomodar toda a minha família", lembra do sacrifício. No início, Roberto veio apenas com a mulher e duas filhas e abrigou uma prima nos primeiros tempos. Eles moravam na 412 Sul nos *apartamentos JK*, que os moradores chamavam de *janela e kitchenette* de tão pequenos. "Minha prima dormia com minhas filhas na cama, a Daysi no sofá e eu no chão", relembra o professor. Inconformados com a situação, um dia os moradores decidiram se reunir e formar uma comissão, para a qual Roberto foi eleito porta-voz. Eles foram pedir providências ao presidente Juscelino Kubitschek, que se mostrou empenhado, prometendo resolver o problema.

Cinco meses depois, o funcionário do MEC conseguiu um apartamento maior no setor de Habitação Popular, HP3. Aí então pôde trazer os outros filhos e reunir a família. "Não me arrependo de nada, se pudesse fazer tudo de novo, eu faria. Brasília foi para mim uma oportunidade de realização profissional muito grande. Se tivesse em outra cidade teria sido apenas um professor universitário", afirma o pioneiro que teve a honra de fazer o curso de Pesquisa Social ao lado do educador Darcy Ribeiro.



De volta à universidade

O reencontro com o colega do MEC Agenor Raposo, um ano depois de sua chegada a Brasília, o incentivou a voltar aos bancos da universidade, desta vez como aluno. Roberto, que havia se formado em Matemática no Rio, fez o vestibular da UnB para Arquitetura, "sendo o melhor qualificado". Diante do bom resultado nas provas, o colega Darcy Ribeiro, então reitor da universidade, lhe ofereceu uma cadeira de professor de Matemática nos cursos de Arquitetura e Economia. "Era engraçado, por que eu chegava a dar aulas para alguns de meus colegas", lembra. O gosto pelos estudos e a busca incessante pelo conhecimento o levaram a cursar Direito e Administração nas faculdades que eram inauguradas em Brasília.

O professor que ora ensinava, ora aprendia nos bancos escolares queria fazer algo mais pela Educação da nova capital. Enquanto muitos desbravadores

“

**TENHO ORGULHO
DE TER
PERTENCIDO AO
GRUPO DOS 60.
ÉRAMOS UMA
EQUIPE QUE
LUTAVA PELO IDEAL
MARAVILHOSO DE
PROMOVER, POR
MEIO DA
EDUCAÇÃO, A
CONSTRUÇÃO DE
UM NOVO PAÍS**

”

abriam estradas, Roberto se preocupava em construir salas de aula. Por isso, assim que chegou aqui ajudou a fundar o ginásio de Taguatinga — onde hoje funciona o Centro Educacional Ave Branca — e o Ginásio Noturno do Núcleo Bandeirante, o primeiro ginásio público do local. Nos dois, Roberto foi diretor. No colégio Moderno, onde hoje funciona o Centro de Ensino Médio Setor Oeste, na 912 Sul, o pioneiro também deixou sua contribuição durante os quatro anos em que trabalhou lá.

Durante décadas, Roberto ensinou aos candangos as primeiras letras do alfabeto e o rigor dos cálculos matemáticos que eles utilizaram como ferramentas de trabalho na árdua tarefa de erguer dia e noite a nova capital.

Hoje, aposentado, mesmo longe da escola, o avô procura orientar, da melhor forma possível, os netos e incentivá-los nos estudos, "para que eles sejam melhores que eu" e possam construir um país melhor.

Raio X

Nome: Roberto de Araújo Lima
Idade: 77 anos
Origem: Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Professor
Mulher: Daysi Collet de Araújo Lima
Filhos: Glória, Daysi Maria, Glésse Maria e Heitor
Netos: Jeane, Luciana, Thiago, Juan Fernando, Roberto, Rafael e Ana Maria
Bisneto: Vitor